



AS DESCRIÇÕES POPULACIONAIS DO PARANÁ DO SÉCULO XIX NOS RELATOS DE VIAGEM DE AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1779-1853)

Leonildo José Figueira¹

RESUMO: No século XIX, diversos aventureiros, principalmente europeus, percorreram o território brasileiro, produzindo, inúmeros relatos os quais nos servem de fontes para o estudo da terra, da gente e da natureza da época, uma vez que estas literaturas de viagem tratam da experiência do contato. Tais relatos não são apenas fontes de informações sobre o Brasil, mas apontam para importantes linhas interpretativas da nossa história. Trataremos aqui do viajante francês Auguste François Cesar Provençal de Saint-Hilaire, que nasceu em Órleans na França e morreu em Tupinière em 1853; ele viajou para o Brasil em 1816 e permanecendo até 1822. Em seus escritos descreveu minuciosamente aspectos de diversas regiões do país, por onde passou. Especificamente abordaremos sua passagem pela Comarca de Curitiba, pelos Campos Gerais, por Paranaguá entre outros lugares do Paraná por volta de 1822; nesse território ele observou os costumes, os usos cotidianos, a natureza, os cenários, a geografia e até mesmo análise comparativa com o mundo europeu.

A trajetória de um viajante revela não apenas a vida e as particularidades de um aventureiro e um personagem da história, mas também interesses, conflitos, perspectivas ideológicas tanto do observador como do observado. Em outras palavras a trajetória intelectual de Auguste de Saint Hilaire deve ser entendida dentro de um contexto, de modo que possamos verificar os espaços institucionais de produção e circulação de seus textos, ou relatos de viagens, como é o caso. O referido viajante esteve presente no Planalto Paranaense descrevendo as belezas naturais e a população que vivia nesse território. De maneira minuciosa, descreveu a vida cotidiana, as relações que eram construídas, os hábitos gastronômicos, entre outros aspectos do Paraná do século XIX. Inevitavelmente o viajante faz repetidas comparações com o contexto francês da época.

Ao abordar s relatos de viagem de Saint Hilaire, é preciso considera-lo um intelectual, alguém que escreve, não despretensiosamente, mas com certo interesse, que precisa ser identificado ao estudá-lo. É um importante registro, e por que não dizer, uma rara fonte histórica para o estudo da história do Paraná, dos Campos Gerais, dos antigos caminhos da Serra do Mar, entre outros.

¹ Mestrando em História no PPGHIS da Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: leo.his@gmail.com



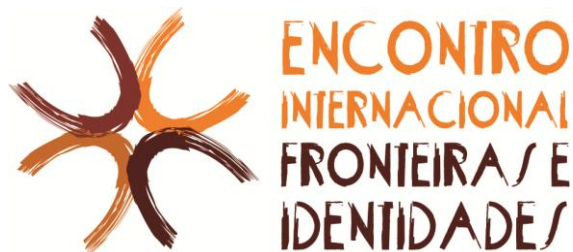
O naturalista francês percorreu várias províncias brasileiras, entre 1816 e 1822, num contexto em que diversos viajantes beneficiaram-se da abertura concedida com a vinda de d. João VI, a fim de descrever e registrar as terras e as gentes, com vistas para a expansão dos domínios europeus. Diferente de outras levas de viajantes que percorreram terras brasileiras em outras épocas, a geração de Sains-Hilaire valorizava a racionalidade, atuando quase que como “repórter”, investigando a vida como ela era, diferentemente dos cronistas e poetas.

História Intelectual e Historiografia: como os homens representam e se representam no mundo que o cerca.

Podemos afirmar que a historiografia vem passando por grandes mudanças desde a década de 1970; nesse contexto os intelectuais passam a ganhar espaço como objeto de estudo, fugindo daquilo que Jean-François Sirinelli chamou de “ângulo morto”. A história intelectual como nova abordagem parece ser um dos resultados de mudanças que estão ocorrendo na historiografia, a partir de constantes debates que vêm ampliando gradativamente, no interior do mundo acadêmico.

Segundo Certeau história fomenta questões, que são resultantes de um tempo vivido, um presente que é particular a cada historiador, uma vez que toda a produção historiográfica está enraizada em uma particularidade, um lugar social. Senso assim, a história se torna uma reconstrução narrativa, documental e conceitual do passado, porém construída em um presente. (Certeau, 2006, p. 72)

A história é constantemente escrita e reescrita tornando-se assim resultado de inúmeras posições do presente, e a interpretação histórica vai depender de quem a formulou, de quem consome as mensagens; em outras palavras, vai se ter uma visão diferente ao analisar o mesmo assunto escrito por “um nativo ou um estrangeiro, um amigo ou inimigo, um erudito ou um cortesão, um burguês ou um camponês, um rebelde ou um súdito dócil”. (Malerba, 2006, p.14) Desta forma, um mesmo passado, um mesmo objeto pode ser olhado, estudado, representado e interpretado de maneira diferente, dependendo dos valores os quais o escritor está carregado, ou ainda, qual espaço institucional ele ocupa. É nesses moldes que construiremos nossa análise a respeito do viajante, explorador e diplomada inglês em sua passagem pelo Brasil.



A particularidade na apreensão dos textos caracteriza-se como uma apropriação ímpar, é chamada por Chartier de “invenção criadora no processo de recepção”, noção que valoriza o leitor enquanto sujeito ativo no processo de interiorização de textos. (Chartier, 1988, p. 131) O historiador Roger Chartier, apoiado nas ideias de Michel de Certeau, menciona que a prática historiográfica é produtora de conhecimentos por apresentar um caráter científico “mas uma prática cujas mentalidades dependem das variações de seus procedimentos técnicos, dos constrangimentos que lhe impõe o lugar social e a instituição de saber onde ela é exercida, ou ainda das regras que necessariamente comandam sua escrita”. (Chartier, 1994, p. 112)

De acordo com Gizele Zanoto os estudos de Chartier são referência para a análise da história da leitura e das formas de apreensão do texto; tratam-se também de importantes ferramentas para a análise da difusão dos textos, sua apreensão e sua difusão em sociedade e, imprescindíveis para um estudo da história intelectual. Para a autora, Chartier “evidenciou, a partir do desenvolvimento proposto nos estudos de Fernando de Rojas e Pierre Bourdieu, que a apreensão de um texto não é a mesma pelos seus diferentes leitores.” Ela ainda enfatiza que,

Bourdieu, destacando a historicidade não só da escrita mas também de sua leitura, sublinhou que um livro muda pelo fato de não mudar enquanto o tempo muda, ou seja, a compreensão que a sociedade tem sobre as questões se transforma constantemente, daí a significação variar juntamente com o texto. Já Rojas, preocupado com a variação de sentidos delegada a um texto pelo seu autor e pelos diferentes leitores, considera a leitura como uma atividade produtora de sentidos singulares, não redutíveis às intenções do autor. (Zanotto, 2008, p. 32-33)

A história pode ser entendida como uma narrativa de acontecimentos envolvendo o homem. Porém uma narração, na qual o historiador é livre para selecionar os fatos e problematizá-los. Esta seleção de fatos permite organizar e simplificar de tal forma a resumir um século em uma página. (Veyne, 1982, p.14)

Após o século XX, a história passou a ter um novo desdobramento no que tange no seu ofício; diferenciando-se, assim, dos velhos analistas do século XIX, passou a se interessar por toda e qualquer atividade humana, considerando que tudo tem uma história². A partir de

² A chamada nova história, criada na França por Lucien Febvre e Marc Bloch em 1929, juntamente com a revista *Annales*, apresentara uma nova interpretação de como trabalhar a história, renegando o paradigma tradicional que se tinha no século XIX; segundo o qual a historiador não produz a história e sim narra a história como se o passado estivesse pronto; ele não questiona, não indaga e a história é



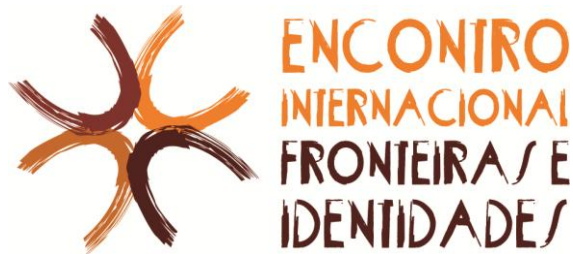
então, passou a trabalhar com determinadas questões que antes não eram observadas ou se eram, não eram consideradas como possuidoras de uma história, como, por exemplo, “a infância, a morte, a loucura, o clima os odores, a sujeira e a limpeza, os gestos, o corpo, a feminilidade, a leitura, a fala e até mesmo o silêncio”, entre outros. O que não era visto, agora é observado como uma construção cultural, um efeito determinante do tempo e do espaço.

A chamada Revolução Francesa da Historiografia, segundo alcunha de Peter Burke, surgiu da crítica à historiografia francesa do final do século XIX e início do XX e se estruturou a partir da criação da revista *Annales d'Histoire Économique et Sociale* (1929), liderada inicialmente pelos historiadores Lucien Febvre e Marc Bloch. As ideias diretrizes da revista preconizavam a substituição da tradicional história narrativa dos acontecimentos pela história-problema, pela história de todas as atividades humanas e não somente a história política, e pela colaboração com outras disciplinas no desenvolvimento do trabalho do historiador. Assim, a criação do movimento dos *Annales* resultou da tentativa de deslocar do centro de atenção as ações políticas, propondo um comprometimento novo com uma teoria social globalizante, que transcendesse o indivíduo e o evento concreto pela valorização das forças impessoais que movem os homens e seus destinos, pela demarcação de ritmos mais lentos que acompanham o avanço do tempo social e pela valorização do ambiente (como desafio ou limitador da ação humana). (Zanotto, 2008, p.32-33)

Segundo Hayden White história enquanto conhecimento, é constituída por uma série de discursos a respeito o mundo, se apropriando do mesmo e atribuindo-lhe significados. (WHITE, 1991, p.1992) Podemos dizer que o passado e a História estão distantes um do outro no tempo e no espaço, e essa argumentação se dá pelo fato de um mesmo objeto de investigação ser visto e interpretado por práticas discursivas diferentes, ao passo que cada uma dessas práticas possui uma linguagem diferente e valores totalmente diferentes. Segundo Chartier, esta noção pressupõe

compreender como a leitura particular e inventiva de um leitor singular está contida em uma série de determinações, sejam elas os efeitos de sentido visados pelos textos através dos próprios dispositivos de sua escrita, os cerceamentos impostos pelas formas que transmitem esses textos a seus leitores (ou a seus ouvintes) ou as competências ou convenções de leitura próprias de cada “comunidade de interpretação”. (Chartier, 1994, p.113)

produzida a partir do documento, sem a possibilidade de contestação. A nova história, por sua vez, cria a noção de método para a produção do conhecimento histórico; porém, com tal mudança passou a haver um alargamento de fontes, a possibilidade de discutir e articular os documentos, descartando-os se necessário. Entretanto, embora o historiador não possa inventar fontes ele tem a liberdade de escolher e utilizá-las da melhor forma.



Deste modo podemos conceber que a historiografia é o mais completo testemunho que podemos ter sobre diversas culturas que foram desaparecendo ao longo do tempo. O conhecimento científico obtido pela pesquisa exprime-se na historiografia, para a qual as formas de interpretação desempenham um papel tão relevante quanto o dos métodos da pesquisa.

O conhecimento histórico é produzido por um grupo de profissionais, que o tempo todo carregam consigo certas coisas identificáveis e que lhes são particulares. Levam a si mesmos, ou seja, seus valores, suas posições, suas perspectivas ideológicas, etc.; levam também seus pressupostos epistemológicos, os quais os quais acompanham-no durante toda a sua pesquisa. Embora os pressupostos epistemológicos sejam, muitas vezes, inconscientes, o historiador sempre vai ter em mente maneiras de adquirir o conhecimento; aí entra em ação diversas categorias, as quais o historiador está inserido (econômicas, sociais, políticas, culturais, ideológicas, etc.).

Ao considerarmos que o historiador tem uma particularidade, devemos pensar que, da mesma forma, o leitor faz uma leitura singular. E que, portanto pode não apreender a leitura no sentido original (autoral) do texto. Segundo Roger Chartier, como leitores, produzem sentidos singulares de suas leituras; como autores sintetizam ideias que serão lidas de formas singulares pelos seus diversos leitores, cada qual com suas preferências, anseios níveis de exigência e compreensão particulares.

Os Campos Gerais no relato de Saint Hilaire

Saint Hilaire relata que a Araucária é vista por todos os lados nessa região, ora isolada ora agrupada com outras árvores; ele se hospedou em uma fazenda, onde também deu descanso aos animais. Segundo o viajante, a casa parecia que nunca tinha recebido uma reforma desde a sua construção, pois as “paredes estavam abertas, metade do telhado estava destelhado, a água da chuva entrava por todos os lados e não havia um único cômodo no qual não se andasse na lama” (Saint-Hilaire, 1995, p. 38). Mesmo assim o viajante ressalta as belezas da região dos Campos Gerais, no Paraná, como sendo um lugar de natureza deslumbrante, chega até a comparar com a região de Beauce, na França, de onde era originário:



Esses campos constituem inegavelmente uma das mais belas regiões que já percorri desde que cheguei à América; suas terras são menos planas e não se tornam tão monótonas como as nossas planícies de Beauce, mas as ondulações do terreno não chegam a ser tão acentuadas de maneira a limitarem o horizonte. Até onde a vista pode alcançar, descortinam-se extensas paisagens; pequenos capões onde sobressai a valiosa e imponente araucária surgem aqui e ali nas baixadas, o tom carregado de suas folhagens contrastando com o verde claro e viçoso do capinzal. De vez em quando apontam rochas nas encostas dos morros, de onde se despeja uma cortina de água que se vai perder no fundo dos vales; uma numerosa quantidade de éguas e bois pastam pelos campos e dão vida à paisagem, vêem-se poucas casas, mas todas bem cuidadas, com pomares plantados de macieiras e pessegueiros. O céu ali não é tão luminoso quanto na zona dos trópicos, mas talvez convenha mais à fragilidade da nossa vista. (Saint-Hilaire, 1978, p. 15-16)

Saint Hilaire destaca a importância do Pinheiro do Paraná, tanto pela sua beleza como para o uso desta madeira, o pinhão, que era uma característica da gastronomia dos habitantes dos Campos Gerais. O viajante relata que a Araucária é bizarra quando pequena, mas que se arredonda depois que cresce, se projetando, totalmente ereta num tom de verde escuro, e por sua altura mostra-se com majestosa elegância. Ele ainda acrescenta que a *Araucária brasiliensis* contribui para dar uma fisionomia e uma peculiar característica aos Campos Gerais.

A araucária não apenas enfeita os Campos Gerais como é também extremamente útil aos seus habitantes; sua madeira branca, cortada por uns poucos veios cor de vinho, é empregada em carpintaria e marcenaria (...). Suas sementes, que são compridas, medindo aproximadamente metade de um dedo, não são na verdade farinhentas como a castanha, mas lembram o sabor desse fruto, sendo mesmo ainda mais delicadas do que ele. (...) Ainda hoje os habitantes dos Campos Gerais comem sementes da araucária e as empregam com sucesso para engordar os porcos. Sabedores da enorme utilidade dessa árvore, eles a respeitam e não a abatem a não ser em caso de necessidade, o que constitui um caso único em todo o Brasil, que menciono aqui com prazer. (Saint-Hilaire, 1978, p. 16-17)

O trabalho com o gado é representado como um divertimento, quase que com uma dimensão lúdica, tanto ou mais que laboral, numa atividade, a lida campeira, que molda o perfil e a identidade do homem dos Campos Gerais.

O clima temperado dos Campos Gerais pareceria de molde a estimular os homens ao trabalho; mas o gênero de ocupação que a própria natureza da região os forçou, por assim dizer, a adotar incutiu-lhes o hábito da preguiça. A criação de gado exige poucos cuidados, e os que se dedicam a ela só trabalham em determinadas épocas. Além do mais, esse tipo de trabalho chega a ser quase um divertimento. Galopar pelas vastas campinas, atirar o laço, arrebanhar o gado e leva-lo para um local determinado constituem para os jovens atividades que tornam detestável qualquer trabalho sedentário; e nos momentos



em que não estão montados a cavalo, perseguindo as vacas e touros, eles geralmente descansam. (Saint-Hilaire, 1978, p. 18-19)

O viajante arremata declarando que o Pinheiro do paraná não apenas enfeita a região e embeleza os campos mas que  extremamente útil aos seus habitantes, pois a sua madeira  utilizada nos trabalhos de carpintaria nas mais diversas construes. Também  utilizado para a alimentao, pois os habitantes dos Campos Gerais comem as sementes da Araucária brasiliensis e “as empregam com sucesso para engordar os suínos”. (Saint-Hilaire, 1995, p. 15). Saint-Hilaire diz mencionar com prazer o respeito que os habitantes dos Campos Gerais da época tinham com a araucária, considerando que eles não a abatiam se não em caso de muita necessidade; o viajante arrisca-se a afirmar que esse respeito pela importância da árvore talvez seja um caso único em todo o Brasil.

A descida da Serra do mar rumo  Paranaguá

Como já afirmamos anteriormente, Auguste Saint-Hilaire foi um viajante que percorreu o sul do Brasil no lombo de burros e mulas, escrevendo, relatando o arquivando informaes sobre a cultura da época espaço geográfico, condies de vida, etc. Ele viajou pelo Brasil no período de 1816 até 1822, percorrendo várias províncias: e destas experiências resultou um importante conjunto de obras que relatam as diferentes observaes da viagem; as que servem hoje como importantes fontes documentais para interessados no Caminho do Itupava e até mesmo da Hstria do Paraná. ³ (Saint-Hilaire, 1995. p. 13)

A viagem de Saint-Hilaire passou pelos Campos Gerais, pelo planalto de Curitiba e pretendendo em seguida descer ate o litoral paranaense. Dentre vários lugares que se hospedou um deles, foi na Fazenda da Borda do Campo onde ele assistiu a fabricao do mate; depois de ter descansado de sua longa viagem e também dar descanso aos animais que acompanhavam (burros), partiu rumo a Paranaguá pelo Caminho do Itupava no lombo do animal.

O mate ou congonha, como se diz nas minas constituiu para Curitiba produto importante de exportao. A arvore  comum nos matos que circundam a cidade, principalmente nos da Borda do Campo, e  provavelmente uma das razões que determinaram os Jesuítas a se

³ SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1789 – 1853). **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundao Cultural, 1995. p. 13



estabelecerem nesse lugar... quando passei pela Borda do Campo, meu hospedeiro tinha sua casa um paraguaio que abandonara seu país por causa da guerra, e que fazia mate á maneira hispano americano, nos bosque da fazenda. (Saint-Hilaire, 1995. p. 13)

Saint-Hilaire relata sobre a dificuldade que teve ao descer a serra pelo caminho do Itupava; ele atravessou por trechos perigosos os quais ofereciam riscos tanto para ele quanto para os animais. Também relata as belas visões que o impressionaram durante o trajeto. Porém é um caminho difícil e que exige muito esforço tanto do viajante quanto do próprio animal.

Dentre vários lugares em que Saint-Hilaire se hospedou um deles, foi a Fazenda da Borda do Campo onde assistiu a fabricação do mate; depois de ter descansado de sua longa viagem e também dar descanso aos animais que o acompanhavam (burros), partiu rumo a Paranaguá pelo Caminho do Itupava no lombo do animal.

Em sua obra *Caminho das Comarcas de Curitiba e Paranaguá*, Saint Hilaire relata suas dificuldades ao descer a serra pelo Caminho do Itupava. Ele atravessou trechos perigosos os quais ofereciam riscos tanto para ele quanto para os animais. Por ser um caminho difícil, exigia muito esforço dos homens e dos animais. O viajante descreve que “o primeiro trecho difícil que encontramos tem o nome de pão-de-ló. Nesse local o caminho é coberto por grandes pedras arredondadas e o seu declive é muito acentuado, de vez em quando as bestas de carga são forçadas a dar saltos assustadores para o viajante que nunca passou por essa serra”. (Saint-Hilaire, 1995, p.137-138) Em outro momento o viajante relata que “perto da Boa Vista o caminho é cavado na própria montanha, numa profundidade de quatro metros, apresentando uma passagem muito estreita, pela qual os burros avançam esbarrando com suas cargas nos barrancos, à direita e à esquerda”. (Saint-Hilaire, 1995, p.137-138)

A tonalidade com que Saint-Hilaire descreve os diversos contextos de suas viagens nos permitem perceber nítidas diferenças entre seu estilo de escrita e a abordagem de cronistas ou poetas que se iniciam com a Carta de Caminha e vem até os Brazilianistas. Enquanto essa primeira geração de viajantes se atinham ao pitoresco, ao fantástico, o relato de Saint Hilaire primava pela flora, a vegetação os usos, os costumes, as habitações, a vida espiritual, entre muitas outras minúcias da vida cotidiana das pessoas; fatores, estes, que o caracteriza e o torna uma rica fonte história e até mesmo antropológica, ainda que esta não estivesse estabelecida como ofício.



Referências Bibliográficas

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista, 1992.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História**. Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história hoje: dúvidas, desafios e propostas**. Estudos históricos. Rio de Janeiro: vol.7, 1994.

_____. **A História Cultural entre práticas e representações**. Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

_____. O mundo como representação. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

MALERBA, Jurandir. **A história escrita: teoria e história da historiografia**. São Paulo: Contexto, 2006.

REIS, José Carlos. **Identidades do Brasil: de Varnhagem à FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1789 – 1853). **Viagem pela Comarca de Curitiba**. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

_____. **Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina**. Tradução de Regina Regis Junqueira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da USP, 1978.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1982.

WHITE, Hayden. **Teoria literária e escrita da história**. Estudos históricos. Vol. 7. Rio de Janeiro, 1991